

EM BUSCA DA FELICIDADE: UMA PESQUISA COM ALUNOS DE UM CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO DE PESSOAS¹

Rafaele Potrich², Suzanara Agostinetto³.

¹ Rafaele Potrich – aluna do curso de Mestrado em Administração da UPF, bolsista PROSUP/CAPES, rafapotrich@yahoo.com.br Suzanara Agostinetto – aluna do curso de Mestrado em Administração da UPF, suza@3enet.com.br André da Silva Perreira – Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Administração

² Bolsista PROSUP/CAPES, aluna do Mestrado em Administração da UPF

³ Mestranda especial do curso de Mestrado em Administração

Introdução

Felicidade é um tema que tem recebido atenção especial na área de Administração (CALDAS, 2010). Na interpretação de Ferraz, Tavares e Zilberman (2007), a felicidade é um fenômeno subjetivo subordinado mais a traços psicológicos e socioculturais do que a fatores externos. Sangalli (2014), apoiando-se no diálogo entre a Filosofia e Boécio, associa ao desejo dos homens em alcançar o “bem final” como felicidade, o qual também encontra-se à vida ética, libertação das paixões do corpo e sem apelo a religião. Esse debate filosófico conduz pensar a um tipo especial de felicidade, que Santo Agostinho traz como a “verdadeira felicidade” está em Deus (AGOSTINHO, 2002).

Sendo um fenômeno subjetivo, a felicidade encontra-se presente nos estudos sobre o bem-estar das pessoas no trabalho (área da gestão de pessoas) (RODRIGUES; SILVA, 2010, SCALCO; ARAUJO; BASTOS, 2011, ROCHA SOBRINHO; PORTO, 2012) e nos estudos de marketing associados ao prazer e à percepção de sucesso (FERRAZ; TAVARES; ZILBERMAN, 2007). No ambiente acadêmico, os estudos sobre felicidade foram desenvolvidos por Dela Coleta e Dela Coleta (2006), Coleta, Lopes e Coleta (2012) e Mendes-da-Silva et al. (2013), entre outros.

A justificativa para a realização de pesquisas sobre felicidade e bem-estar no ambiente acadêmico é associada ao comportamento acadêmico, à escalas de sentimentos de felicidade, satisfação e bem-estar subjetivos e vários aspectos de sua vida na universidade. No presente estudo, amplia-se o escopo da investigação para outra variável da felicidade, que é a predisposição a doação. Por que as pessoas fazem doações? Por que sentem-se obrigados a ajudar o outro ou para fazer justiça, ou talvez para ter mais reconhecimento ou sentir menos culpa? Essas questões, que causam inquietações, estimulam a busca por respostas. No presente estudo, o objetivo é identificar a relação da percepção da felicidade com a predisposição à doação.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa exploratória, com abordagem quantitativa dos dados, os quais foram coletados por meio de questionários estruturados aplicados presencialmente numa turma de alunos, de um curso de especialização em gestão de pessoas, numa universidade no estado do Rio Grande

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

do Sul. Os respondentes foram 21 alunos e os dados foram coletados no mês de maio de 2015. As questões versavam sobre o nível de felicidade percebido, as situações em que o respondente se considerava feliz e sobre um conceito mais amplo de felicidade, bem como sua relação com doação e os motivos pelos quais as doações eram realizadas. A escala de Likert de cinco pontos foi usada para medir as respostas entre “discordo totalmente” e “concordo totalmente”. Os dados foram analisados utilizando a estatística descritiva simples.

Resultados e discussões

Os respondentes do gênero feminino são caracterizados por onze pessoas na faixa etária entre 23 e 39 anos; apenas três pessoas estão acima dos trinta anos. A média de idade é de 24,54 anos. Apenas quatro respondentes são casados. A profissão destes são diversas, com preponderância de atuação em instituições bancárias. Os dez respondentes do gênero masculino tem idade média de 29,6 anos e maior amplitude etária na faixa entre 23 a 51 anos; quatro pessoas tem mais de trinta anos e apenas um é casado. A profissão destes é bastante diversificada com preponderância de atuação em empresas privadas; apenas um declarou-se bancário.

Quanto ao nível de felicidade, tanto homens quanto mulheres sentem-se saudáveis, se consideram “interessantes” e estão satisfeitos com suas vidas. As mulheres concordam com a afirmação de que “a vida é muito gratificante”, enquanto os homens “não concordam nem discordam”. Tanto mulheres quanto homens vivem frequentes momentos de alegria, consideram suas famílias felizes, tem lembranças positivas do passado e transmitem pensamentos positivos aos outros. De maneira geral, homens e mulheres sentem que tem controle sobre suas vidas, porém um homem (32 anos de idade e auxiliar administrativo) e uma mulher (36 anos; trabalha numa cooperativa), discordam dessa afirmação. Esses dois respondentes declaram-se pessimistas em relação ao futuro, não veem beleza nas coisas, bem como não projetam a felicidade em realizações futuras, ou seja, não são felizes. A maioria dos respondentes não divertem-se em companhia de outras pessoas.

Homens e mulheres concordam que são felizes quando úteis a outrem, reconhecidos pelo trabalho que fazem ou simplesmente quando estão entre amigos, fazem algo para o bem comum, recebem elogios e atingem suas metas. Alguns também dizem sentirem-se felizes por economizar dinheiro ou pelo simples fato de serem adicionados à redes sociais, porém dois respondentes afirmam que a felicidade não está em economizar dinheiro ou ser adicionado a redes sociais. Enquanto as mulheres sentem-se felizes realizando compras, os homens demonstram-se ser imparciais ou discordam da relação compras-felicidade.

Homens e mulheres concordam que a felicidade está associada ao alcance das metas no trabalho, ao nível de autoestima e ao grau de otimismo com que vivem, mas as mulheres associam ainda a felicidade com a doação do seu tempo na realização de trabalhos voluntários, pois “a felicidade é feita de momentos”.

No que tange à doação, as mulheres acreditam que as pessoas doam em troca de algo, sugerindo que não há comportamento destituído de interesses subjetivos. Ao mesmo tempo, afirmam elas, doar faz parte da estrutura educacional, familiar e da cultura social na qual estão inseridas. A respeito, os homens discordam de que as pessoas realizam doações esperando algo em troca, talvez seja essa

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

uma das razões pelas quais não fazem doações em dinheiro, apenas realizam descartes de coisas que não usa mais. Por conseguinte, a maioria dos respondentes não realiza atividades voluntárias, não são doadores de sangue ou medula óssea.

Ao mesmo tempo, os respondentes acreditam que as pessoas fazem doação para sentirem-se úteis e bem por pressupor que estão deixando outros felizes. Essa compreensão não contempla a relação doação-felicidade-culpa. Homens e mulheres quando discordam sobre as pessoas doarem para sentirem menos culpa, para melhorar seu currículo profissional ou para ampliar seu círculo social. Ao mesmo tempo, a pressuposição de que aqueles que declaram-se doadores o façam verdadeiramente, não encontra respaldo entre os respondentes. Para eles, a maioria das pessoas não fazem [não doam] aquilo que dizem.

Tais respostas evidenciam o caráter subjetivo da felicidade apresentado por Ferraz, Tavares e Zilberman (2007), ou seja, é permeada por comportamentos estimulados por traços psicológicos e socioculturais e não por fatores externos. Vale destacar que, para a maioria das mulheres respondentes, a felicidade também vem da economia do dinheiro ou dele próprio, ou seja, um fenômeno externo.

Conclusão

Os resultados do estudo confirmam o que traz a literatura gerencial, de que a felicidade é subjetiva. Uma análise por gênero revela que as mulheres acreditam que quem faz doações é mais feliz, são elas também que costumam doar mais que os homens, tendo a doação como estrutura educacional e familiar das mesmas. Tanto homens e mulheres afirmam que não sentem culpa, mas sim sentem-se úteis a realizar doações.

Como limitações do estudo, não foi possível responder com clareza a pergunta de pesquisa em razão do número de respondentes reduzido.

Palavras chave: Doação; relação; cultura; subjetivo.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. A verdadeira religião - O cuidado devido aos mortos. Trad. de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, (Coleção Patrística, n. 19), 2002.

CALDAS, Silvio Borrero. The happiness-to-consumption ratio: an alternative approach in the quest for happiness. *Estudios Gerenciales*, v. 26, n. 116, p. 15-35, 2010.

COLETA, José Augusto; LOPES, José Eduardo Ferreira; COLETA, Marília Ferreira Dela. Felicidade, bem-estar subjetivo e variáveis sociodemográficas, em grupos de estudantes universitários. *Psicologia USF*, v. 12, n. 1, p. 129-139, 2012.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

DELA COLETA, José Augusto; DELA COLETA, Marilia Ferreira. Felicidade, bem-estar subjetivo e comportamento acadêmico de estudantes universitários. *Psicologia Estudos*, v. 11, n. 3, p. 533-539, 2006.

FERRAZ, Renata Barboza; TAVARES, Hermano; ZILBERMAN, Monica L.. Felicidade: uma revisão. *Revista Psiquiatria Clínica*, v. 34, n. 5, p. 234-242, 2007.

MENDES-DA-SILVA, Wesley; ONUSIC, Luciana Massaro; NORVILITIS, Jill M.; MOURA, Gilnei L.. Focusing illusion in satisfaction with life among college students living in Brazil. *Revista Administração de Empresas*, v. 53, n. 5, p. 430-441, 2013.

ROCHA SOBRINHO, Fábio; PORTO, Juliana Barreiros. Bem-estar no trabalho: um estudo sobre suas relações com clima social, coping e variáveis demográficas. *Revista Administração Contemporânea*, v. 16, n. 2, p. 253-270, 2012.

RODRIGUES, Airton; SILVA, José Aparecido da. O papel das características sociodemográficas na felicidade. *Psicologia USF*, v. 15, n. 1, p. 113-123, 2010.

SANGALLI, Idalgo José. A conquista da felicidade via filosofia: o exemplo de Boécio. *Trans/Form/Ação*, v. 37, n. 3, p. 65-86, 2014.

SCALCO, Diogo Luis; ARAUJO, Cora Luiza; BASTOS, João Luiz. Autopercepção de felicidade fatores associados em adultos de uma cidade do sul do Brasil: estudo de base populacional. *Psicologia Reflexiva Crítica*, v. 24, n. 4, p. 648-657, 2011.